

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

LILIAN REGIANE VIEIRA DA FONSECA

**O AUTISMO NAS ESCOLAS: UM OLHAR DIFERENTE SOBRE A
TEORIA E A PRÁTICA EDUCATIVA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

LILIAN REGIANE VIEIRA DA FONSECA



**O AUTISMO NAS ESCOLAS: UM OLHAR DIFERENTE SOBRE A
TEORIA E A PRÁTICA EDUCATIVA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de São José dos Campos, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^a. Ma. Vanessa Hlenka

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

O Autismo nas Escolas: um olhar diferente sobre a teoria e a prática educativa

Por

Lilian Regiane Vieira da Fonseca

Esta monografia foi apresentada às **20h30min do dia 22 de junho 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de São José dos Campos, SP, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^ª. Ma. Vanessa Hlenka
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^º. Dr. André Sandamann
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^ª. Ma. Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico esta pesquisa a todos os professores que acreditam na Educação Inclusiva e se esforçam a cada dia para que ela seja vivenciada plenamente nas escolas.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora professora Ma. Vanessa Hlenka pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço aos professores que me deram licença para observar sua prática educativa e assim aprender com eles. Foram meus grandes parceiros nessa caminhada.

Ao meu marido e companheiro, por escutar minhas ideias e me ajudar a organizá-las no papel, pela compreensão das horas em que passei pesquisando, lendo e escrevendo.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Compreender o tipo de pensador que você é ajuda a respeitar suas limitações e, igualmente importante, a aproveitar seus pontos fortes”.
(TEMPLE GRANDIN)

RESUMO

FONSECA, Lilian Regiane Vieira da. **O Autismo nas Escolas: um olhar diferente sobre a teoria e a prática educativa**. 2018. 33fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Este trabalho teve como temática a educação inclusiva de alunos com autismo. Levantar questões sobre a prática educativa dos professores frente à diversidade do processo de ensino-aprendizagem, em especial quando se fala na escolarização de alunos com autismo foi o objetivo norteador do trabalho. Como saber se um aluno tem autismo? Quais intervenções educativas são mais eficazes em sala de aula? O que a escola precisa garantir enquanto instituição socioeducativa? O professor trabalha com a diversidade de alunos em sala de aula, cada qual com sua particularidade e quando se fala em alunos com autismo o desafio se torna maior uma vez que, a primeira postura desse aluno é o seu isolamento social. Entender o que é o autismo, quais as formas de identifica-lo e as possíveis causas que dão origem ao transtorno são conhecimentos essenciais para o professor descobrir quais caminhos seguir. A incidência de casos de autismo cresce a cada ano no Brasil e no Mundo. Dialogar sobre melhores formas de ensinar e de aprender dentro deste cenário é algo inerente à profissão do professor. Tão importante quanto entender as características únicas dos alunos com autismo, é buscar meios de enfrentar os desafios da educação inclusiva vivenciado nas escolas. Além disso, é essencial garantir a cada aluno que chega, inclusive aqueles com autismo, o direito de aprender e de comunicar com o mundo a sua volta.

Palavras-chave: Aluno. Aprendizagem. Ensino. Inclusão. Professor.

ABSTRACT

FONSECA, Lilian Regiane Vieira da. **Autism in The Schools: a different perspective on the theory and practice of education**. 2018. 33fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

This work had as thematic the inclusive education of students with autism. Raise questions about the educational practices of teachers facing the diversity of the teaching-learning process, in particular when it comes to the schooling of students with autism was the goal guiding the work. How to know if a student has autism? Which educational interventions are most effective in the classroom? What the school needs to make sure while that the institution socio-educational? The teacher works with the diversity of students in the classroom, each with its particularity and when talking about students with autism the challenge becomes greater in a first posture that the student is his social isolation. To understand what is autism, what are the ways to identify it and the possible causes that give rise to the disorder are essential knowledge for the teacher to find out which paths to follow. The incidence of cases of autism grows each year in Brazil and in the World. Dialogue about the best ways to teach and learn within this scenario, it is inherent to the profession of a teacher. As important as understanding the unique characteristics of students with autism, is to seek means of addressing the challenges of inclusive education happen in the schools. In addition, it is essential to ensure each student arrives, including those with autism, the right to learn and to communicate with the world around you

Keywords: Student. Learning. Education. Inclusion. Teacher.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Critérios Diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista.....	15
Quadro 2: Nível 3 de Gravidade para o Transtorno do Espectro Autista.....	16
Quadro 3: Nível 2 de Gravidade para o Transtorno do Espectro Autista.....	16
Quadro 4: Nível 1 de Gravidade para o Transtorno do Espectro Autista.....	17
Figura 1: Organizando Cartões para a Rotina Diária.....	20
Figura 2: Pareamentos de Figuras e Palavras.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 AFINAL, O QUE É AUTISMO.....	12
2.2 CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS.....	14
2.3 AUTISMO NA ESCOLA.....	18
2.3.1 Intervenções Educativas para Alunos com TEA.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	25
3.1 TIPO DE PESQUISA E COLETA DOS DADOS.....	25
3.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE.....	32

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala na Educação proporcionada nas escolas, logo se pensa na relação dialógica direta entre o ensinante e o aprendiz, ou seja, entre o professor e o aluno. Conforme a teoria sócio interacionista de Vygotsky e Piaget, o desenvolvimento está alicerçado sobre o plano das interações, ou seja, para aprender é preciso que o aprendiz construa o seu conhecimento através de uma interação com o objeto de estudo. Aos poucos, ele assimila os sinais (símbolos, conceitos, etc.) que o professor transmite em sala de aula, para que num determinado tempo, possa aprender e assim passar para uma próxima etapa.

Todo professor vive esse processo educativo inúmeras vezes em sala de aula com a diversidade de alunos que lhe é confiada todo ano letivo.

Mas, e quando um aluno não interage com o professor? Como ensinar um aluno que apresenta dificuldades para comunicar o que pensa, o que sabe ou não fazer? Quais formas de intervenção educativa o professor pode dispor para compreender o que um aluno tem a dizer com seus gestos repetitivos? Como entrar no 'mundo' do seu aluno sem invadir o que preserva tanto? Quais habilidades trabalhar com esse aluno para que ele se desenvolva juntamente com os outros colegas?

Esses comportamentos citados são alguns dos sintomas típicos de alunos que apresentam o TEA - Transtorno do Espectro Autista, mais conhecido apenas como Autismo.

Segundo Gomes (2015), o autismo é um transtorno grave, que acomete a sequência e qualidade do desenvolvimento infantil, caracterizado por alterações sociais e de comunicação e por interesses restritos, fixos e intensos e comportamentos repetitivos.

O termo 'espectro' é utilizado por abranger uma série de manifestações que diferem de pessoa para pessoa, resultando em diversos tipos de autismo. Em alguns casos, há pessoas que apresentam sérios comprometimentos neurológicos e cognitivos, outros mais leves que conseguem se comunicar por meio da fala e manifestar o pensamento.

A mais bela forma de educar um aluno com autismo seria incluí-lo no ensino regular e lhe dar as mesmas oportunidades que todos os que frequentam a escola.

Assim temos a certeza que desenvolverá plenamente todas as habilidades necessárias para aprender.

A Educação Inclusiva, em especial o Autismo, tem sido alvo de grandes discussões no meio educacional. Este é um tema que nos convida a refletirmos sobre a prática educativa nas escolas, numa perspectiva de re-significar a ação docente frente ao processo de ensino-aprendizagem de alunos com autismo.

Levantar informações relevantes sobre o Autismo nas escolas é o foco norteador deste trabalho.

Desta forma, discorre-se o estudo sobre o TEA - Transtorno do Espectro Autista, analisando as origens do transtorno, as formas de identificar o autismo e quais os principais encaminhamentos para intervenção. Analisa-se também dados estatísticos do Autismo no Brasil e no mundo a fim de elucidar o estudo do tema para a educação atual.

Discorre-se sobre os fatos decisivos no processo de inclusão e as estratégias pedagógicas que sustentam o trabalho do professor para uma ação direta com os alunos com autismo. Segue-se com a análise das abordagens da teoria comportamental que visam dar suporte às atividades de interação com as devidas adaptações para o desenvolvimento desses alunos.

O Autismo nas escolas: um olhar diferente sobre a teoria e a prática educativa nas escolas é um estudo de grande relevância para todos os que trabalham com a educação e pouco sabem como dar o primeiro passo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AFINAL, O QUE É AUTISMO

O Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na comunicação e interação social que acarreta dificuldades no desenvolvimento da criança desde cedo. Para o diagnóstico do autismo é preciso também verificar a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme relata a American Psychiatric Association (Associação Americana de Psiquiatria - APA).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais traz, em sua quinta versão, DSM-V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.31) uma definição mais específica a respeito do Autismo, caracterizando-o como “Transtorno do Espectro Autista” - TEA.

Este transtorno vem sendo estudado desde a década de 40, época em que Leo Kanner, pioneiro da psiquiatria infantil, publicou um artigo, “Autistic Disturbances of Affective Contact” (Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo) na revista *The Nervous Child*, o qual descrevia o estudo com a observação de onze crianças que, segundo ele, compartilhavam um conjunto de sintomas típicos que hoje sabemos estarem relacionados ao Autismo: necessidade de solidão e necessidade de uniformidade (GRANDIN, 2015, p.13).

Muitos destes sintomas eram tratados, de início, como um problema psicológico com raízes no tratamento familiar ofertado à criança. Kanner, teria dito que a origem era biológica, porém, como suas ideias sobre o Autismo se baseavam nos princípios psicanalíticos, não poupou esforços para encontrar brechas na Psicanálise que apontassem os pais, especialmente a mãe, como responsável pelos comportamentos autistas de seus filhos. Utilizou o termo “mãe-geladeira” para explicar que as crianças agiam de determinada forma devido à “frieza” de sua progenitora.

Assim, como a psiquiatria infantil ainda era nova naquela época, as palavras Autismo e Autista mal figuravam na tentativa inicial da Associação Americana de

Psiquiatria de padronizar os critérios diagnósticos em sua primeira edição do DSM, publicada em 1952.

Muitos casos com traços similares do Transtorno Espectro Autista foram sendo identificados e a cada situação analisada, surgiam teorias em busca de explicações, tanto na Biologia quanto na Psicologia para definir qual seria o padrão para esta síndrome.

Em 1980, na publicação do DSM III, o Autismo Infantil foi descrito como uma categoria mais ampla denominada Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), caracterizados por atrasos no desenvolvimento de funções básicas, incluindo socialização e comunicação, que costumam se manifestar nos primeiros cinco anos de vida. Um dos critérios para ter o diagnóstico de autismo infantil, era a ausência de sintomas que sugerissem a esquizofrenia.

Desta forma, a Associação Americana de Psiquiatria a cada nova edição definia critérios para o diagnóstico do autismo, se baseando em observações sobre o comportamento das crianças e sua relação com o mundo.

Somente em sua quinta versão, em 2014, como já mencionamos acima, o DSM-V caracterizou o Autismo como TEA - Transtorno do Espectro Autista. Para se obter o diagnóstico do transtorno é preciso identificar os sintomas logo nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança, pois “os déficits de desenvolvimento variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência” (APA, 2014, p.31).

As funções executivas responsáveis pelo planejamento e execução de atividades, como memória, atenção e inibição de impulsos são desenvolvidas principalmente nos primeiros anos de vida e quando há falhas, frequentemente aparecerão problemas envolvendo habilidades cognitivas e também o controle das emoções.

Já o termo “espectro”, utilizado na definição do transtorno, serve para indicar que os casos de autismo se diferem nas manifestações/sintomas e em graus de comprometimentos no desenvolvimento, segundo Gomes (2015). Isto nos explica a variedade de perfis existentes. Há casos de autismo que a criança não fala, apresentando graves dificuldades de interação social e alterações comportamentais incluindo déficits cognitivos, e há casos em que as manifestações são mais leves

quando a criança consegue se comunicar por meio da fala e socializar algumas ações.

Diante desse conjunto de sinais e sintomas que define as manifestações clínicas do TEA, ainda nos perguntamos: qual seria a causa disso tudo? Como saber se uma criança terá ou não Autismo?

Pesquisas recentes, dizem que o Autismo tem raízes na genética, relatando incidência maior em meninos do que meninas e casos de irmãos que nascem com o mesmo transtorno.

Outras pesquisas apontam que existem aspectos ambientais ainda na fase fetal. Situações como estresse, exposição a substâncias químicas e tóxicas, infecções, desequilíbrios metabólicos e problemas durante a gravidez podem ser causadores de autismo.

Grandim, traz alguns pontos interessantes a respeito das possíveis causas dessa desordem neurológica:

Os fatores ambientais parecem influenciá-lo - ambientais não apenas no sentido das toxinas no ar ou das drogas na corrente sanguínea da mãe, mas outros fatores, como a idade do pai à época da concepção, que parece afetar o número de mutações genéticas no esperma, ou o peso da mãe durante a gravidez. (GRANDIM, p.26, 2015)

Nota-se que as informações sobre as causas do TEA não estão fechadas. Não foram encontrados ainda dados que comprovem a origem do autismo. E, por quaisquer combinações de motivos que possam vir a reforçá-lo o fato é que a incidência de diagnósticos de autismo continua crescendo. O tratamento precisa ser oferecido e suas adequações devem ser respeitadas em cada quadro clínico diagnosticado.

2.2 CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS

Para o diagnóstico do Autismo é necessário a observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis. Os sintomas típicos costumam estar presentes antes dos 3 anos de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade, conforme relatado pelo Instituto de Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil.

Os primeiros sintomas do Transtorno do Espectro Autista frequentemente envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, evidentes na primeira infância, em geral acompanhado pela ausência de interesse nas interações sociais e alguns comportamentos repetitivos.

Trata-se de um diagnóstico clínico analisado por profissionais especializados, na maioria das vezes, une-se a equipe multidisciplinar (pediatras, psiquiatras, neurologistas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, pedagogos, etc.) para fechar um laudo, no qual relata-se níveis de comprometimento e direcionamento para formas de intervenções específicas.

Conforme a American Psychiatric Association (2014) os critérios utilizados no diagnóstico do TEA estão descritos no Quadro 1.

DSM-V: Critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista 299,00 (F84.0)	
A	Deficiências persistentes na comunicação e interação social: <ol style="list-style-type: none"> 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar às diversas situações sociais.
B	Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: <ol style="list-style-type: none"> 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.
C	Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.
D	Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.
E	Esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.

Quadro 1: Critérios Diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista.

Fonte: American Psychiatric Association (2014).

Verifica-se que as características essenciais do TEA são prejuízos persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses

sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D).

Ainda pode ser classificado a gravidade de cada caso de Autismo tendo como referência os prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos. Segue nos Quadros 2, 3 e 4, os níveis de gravidade para Transtorno do Espectro Autista (APA, 2014, p. 52):

Nível 3 - Exigindo apoio muito substancial

Comunicação social:

Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.

Comportamentos restritos e repetitivos:

Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.

Quadro 2: Nível 3 de Gravidade para o Transtorno do Espectro Autista.

Fonte: (APA, 2014, p.52).

Nível 2 - “Exigindo apoio substancial”

Comunicação social:

Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.

Comportamentos restritos e repetitivos:

Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.

Quadro 3: Nível 2 de Gravidade para o Transtorno do Espectro Autista.

Fonte: (APA, 2014, p.52).

Nível 1 “Exigindo apoio”

Comunicação social:

Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.

Comportamentos restritos e repetitivos:

Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Quadro 4: Nível 1 de Gravidade para o Transtorno do Espectro Autista.

Fonte: (APA, 2014, p.52).

Os Níveis de gravidade do TEA são definidos conforme a intensidade dos sintomas. Todavia, uma criança pode evoluir muito se diagnosticada cedo e se submetida a tratamento adequado.

A falta de entendimento sobre o transtorno traz forte impacto nas crianças, nas famílias e nas escolas. No Brasil, a incidência de casos de autismo cresce a cada ano, por isso a importância do diagnóstico precoce para que o tratamento seja realizado o quanto antes.

De acordo com o Censo Escolar 2016, há, na cidade de São Paulo, 3.425 pessoas com autismo nas salas comuns, tanto no ensino básico como no Ensino para Jovens e Adultos (EJA). No estado de São Paulo, são 13.414, e no Brasil, 56.578 indivíduos com o transtorno que estudam em instituições regulares, junto com quem não tem autismo. (TENENTE, 2017).

Os dados nos revelam o quão preocupante é colocar essas crianças em salas regulares de ensino sem oferecer-lhes um atendimento educacional especializado.

Os Estados Unidos, demonstra a preocupação com a crescente incidência de autismos no país desde o ano de 2000, data em que foi criada a Rede de Monitoramento do Autismo e Transtornos de Desenvolvimento (ADDM) para acompanhar os casos de Autismo. O principal foco da Rede era colher dados de crianças de 8 anos de idade com sintomas típicos do TEA e orientar as famílias a buscarem apoio terapêutico e atendimento educacional especializado. Atualmente, a estimativa é de que haja no país uma a cada 88 crianças com perturbações do espectro autista. (GRANDIN, 2015).

2.3 AUTISMO NA ESCOLA

A Lei Federal 12.764/2012 instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. O Art. 3º trata dos direitos conferidos à pessoa com transtorno do espectro autista, entre eles o acesso à educação e ao ensino profissionalizante.

A pessoa com transtorno do espectro autista deve ser incluída nas classes comuns de ensino regular e possui direito a acompanhante especializado, nos casos de comprovada necessidade.

Uma educação inclusiva requer um trabalho em equipe, onde todos os envolvidos dialogam sobre as melhores formas de ensinar e de aprender para a vida.

Dr. Pierre Delion, psiquiatra infantil, segue uma vertente educacional para o trabalho com as crianças com TEA (KUPFERI, 2017). Diz que um atendimento especializado para as crianças diagnosticadas com autismo precisa ser pensado em três eixos: o educativo sempre, o pedagógico se possível e o terapêutico se necessário.

O 'educativo sempre', caracteriza-se pelo desenvolvimento nas áreas de interação social, comunicação e comportamento. Um trabalho com atitudes que auxiliem a interação da criança no meio escolar, como as que estabelecem rotinas. Nesse processo, torna-se fundamental reforçar comportamentos positivos, estimular a autonomia e ajudar a criança a incorporar regras de convívio social.

O 'pedagógico se possível', nos remete à necessidade de pensarmos nos ajustes das intervenções pedagógicas, adaptando-as conforme os avanços da criança e como respondem ao que lhe é oferecido. Como grande parte das crianças com autismo precisam de ajuda na aprendizagem da autorregulação, o pedagógico entrará em cena. O professor, após conquistar a confiança da criança, conhecer suas habilidades e limitações para aprender, planejará ações com intencionalidade pedagógica para promover avanços no seu desenvolvimento.

O 'terapêutico se necessário', é quando esgotada as chances de regulação do comportamento autista, o médico direciona um tratamento à criança e comunica a escola, que por sua vez, buscará meios para aliá-lo à rotina escolar do aluno.

Este tratamento proposto por Delion (2017) oferece possibilidades de convivência em grupo respeita a individualidade da criança e reforça o trabalho em

equipe para que avanços significativos no desenvolvimento das crianças sejam alcançados.

Sistematizar o trabalho com os alunos com TEA é algo inerente à função do professor, todavia, o trabalho se tornará menos árduo se o pensamento reflexivo sobre a ação envolver todos as pessoas da escola.

2.3.1 Intervenções Educativas para Alunos com TEA

Dentre as intervenções educativas para alunos com transtorno espectro autista, o TEACCH, o ABA e o FLOORTIME são práticas possíveis de serem realizadas em sala de aula devido à similaridade destas com as estratégias pedagógicas desempenhadas pelo professor.

Para ajudar os alunos com TEA a aprenderem e a progredirem, é preciso dedicar a alguns dos desafios específicos que esses apresentam: o aprendizado das habilidades essenciais de interação, comunicação e autonomia.

O primeiro método apresentado é o TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) - Tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatos da comunicação.

Este é um programa individualizado que visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também agir de forma independente. Para isto, a criança precisa vivenciar ações que tenham significado para sua vida diária.

O TEACCH foi criado em 1972 na Universidade da Carolina do Norte/EUA, pelo Dr. Eric Schopler e colaboradores do departamento de psiquiatria dessa Universidade que investigavam técnicas e métodos que pudessem auxiliar os pais na educação de seus filhos com TEA.

Segundo estudos apresentados por MORAIS (p.89, 2012), o método de tratamento proposto pelo TEACCH “tem como objetivo incidir em áreas como: o ensino de capacidades de comunicação e a organização e prazer na partilha social”.

Esse método, além de se fundamentar em pressupostos da teoria comportamental, promove um tratamento centrado na psicolinguística. Os aspectos como processamento visual e memorização de rotinas funcionais, são desenvolvidos

com maior ênfase, visto que, constituem-se áreas fortes de alunos com perturbações do espectro autista.

No TEACCH entende-se que a imagem visual é geradora de comunicação - área da psicolinguística, com finalidade de buscar a linguagem oral ou uma comunicação alternativa. Segue a figura 1, ilustrando a Organização de Cartões para a Rotina Diária de acordo com o TEACCH.

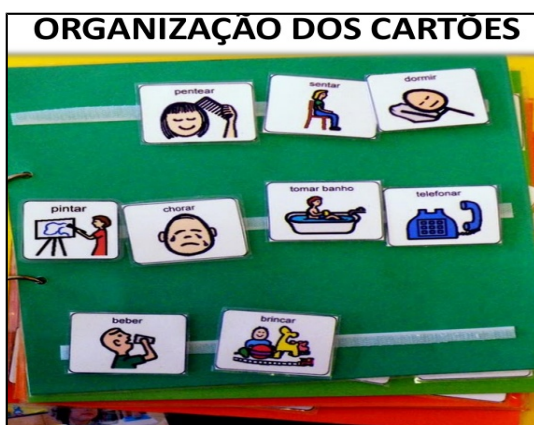


Figura 1: Organizando Cartões para a Rotina Diária.
Fonte:pt.slideshare.net, 2018.

O ambiente educativo é organizado através de rotinas em quadros, painéis ou agendas, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para o aluno compreendê-lo e ao que se espera dela, como nos afirma MELLO, 2004.

Após uma análise dos pontos fortes e de maior interesse do aluno, assim como suas dificuldades comportamentais (área comportamental do tratamento), é desenvolvido uma categoria de repertórios para a interação e a organização desses comportamentos. Para isto, são utilizados estímulos visuais (fotos, imagens, objetos, cores) aliados a estímulos corporais (gestos, movimentos corporais, apontar, contar).

Os alunos com TEA respondem mais às situações dirigidas que às livres. Quando apresenta uma desenvoltura na realização de uma atividade, um comportamento adquirido, este passa a fazer parte de sua vida diária.

No TEACCH a sistematização do trabalho é individual com atividades programadas e ensinadas uma a uma pelo professor. Segue a figura 2, apresentando Atividades de Pareamentos de Figuras e Palavras como intervenção educativa proposta pelo TEACCH.



Figura 2: Pareamentos de Figuras e Palavras.
 Fonte: apoioautista.com.br, 2018.

A utilização do TEACCH traz, na maioria das vezes, uma tranquilidade ao aluno, já que possibilita melhor compreensão e comunicação com o meio. Além disso, o método oferece a previsibilidade das ações, a organização do pensamento com os estímulos visuais e encorajamento para a independência dos alunos.

Neste modelo (TEACCH) também se trabalha no sentido de fomentar a independência, preparando assim as crianças autistas para a vida adulta, pois é feito um grande investimento na sua autonomia. A criança tem muitos ganhos ao nível da autoconfiança, resiliência e autoestima. (MORAIS, 91)

Por ser um método mais flexível, adequa-se à maneira de pensar e de aprender destes alunos, e o professor tem a vantagem de poder encontrar as estratégias pedagógicas mais adequadas para trabalhar os conteúdos escolares.

Uma outra forma de intervir é o ABA (Applied Behavioral Analysis) que se constitui em um método advindo do campo científico do Behaviorismo, que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem, como nos explica LEAR (p.4, 2004).

A principal característica do tratamento ABA - análise aplicada do comportamento, é o uso de consequências favoráveis ou positivas (reforçadoras). A resposta adequada do aluno tem como consequência a ocorrência de algo agradável para ele, o que na prática é uma recompensa. Quando a recompensa é utilizada de forma consistente, o aluno tende a repetir a mesma resposta.

O método ABA se fundamenta na ciência do comportamento, o Behaviorismo, especificamente pelo que chamamos de condicionamento operante – “um comportamento seguido por um estímulo reforçador resulta em uma probabilidade aumentada de que aquele comportamento ocorra no futuro” (LEAR, p.10 2004).

Refere-se, portanto, a um tratamento comportamental analítico do autismo que visa ensinar ao aluno habilidades que ele não possui. Cada habilidade é ensinada em esquema individual e associada a uma instrução. Trabalha-se com o ensino intensivo de habilidades que irão desenvolver comportamentos sociais como o contato visual e a comunicação.

Antes de realmente começar a ensinar uma habilidade ao aluno, é importante verificar quais tipos de estímulos reforçadores resultarão em consequências favoráveis para o seu aprendizado. Segundo LEAR (p.10, 2004) “todos nós aprendemos através de associações e nosso comportamento é “modificado” através das consequências”.

Para saber quais os estímulos reforçadores positivos utilizar, o professor deverá pesquisar juntamente com a família e com pessoas próximas, os principais interesses de seu aluno. A partir disso, listará palavras de incentivos, gestos que agradam e objetos preferidos que o auxiliaram na execução do ABA. O intuito aqui é reforçar uma ação com algo que seja especial para o aluno com TEA e que venha contribuir para o aprendizado da habilidade ensinada.

O professor, durante a realização da atividade, poderá dar dicas para que o aluno consiga realizar a ação. Por exemplo, em uma situação de identificar a figura, será possível interagir com o professor da seguinte forma:

Professor: Qual o nome dessa fruta? ABACAXI

Aluno: ABACAXI;

Professor: Muito bem! Você acertou! ABACAXI.

A repetição é outro ponto importante neste tipo de abordagem, assim como o registro de todas as tentativas e resultados para que se possa avaliar o progresso do aluno.

A terceira forma de intervenção educativa é o FLOORTIME. Este é um método de tratamento estabelecido em 1990 pelo Dr. Stanley Greenspan, psiquiatra infantil que segue uma filosofia de interagir com o aluno com autismo.

O FLOORTIME (ao pé da letra, tempo no chão) tem como objetivo explorar a espontaneidade, trabalhar a iniciativa e favorecer algum tipo de verbalização do aluno.

A principal estratégia é: estar presente. Isso significa, que o professor deve olhar para o aluno, sentar frente a frente e ir aos poucos se aproximando. Esta estratégia possibilita ao professor seguir os interesses emocionais do aluno ao mesmo tempo em que o desafia a ir em direção ao maior domínio das capacidades sociais, emocionais e intelectuais.

O FLOORTIME busca validar cada processo sensorial e a relação emocional que o aluno tenta estabelecer com o outro. A comunicação gestual é fomentada na construção espontânea de brincadeiras surgidas no desenrolar da ação.

Embora seja difícil perceber os sinais de comunicação durante as aulas, o professor pode envolver outros alunos da sala nas situações lúdicas. É importante criar um ambiente favorável para que o aluno possa liderar uma ação, em que precise ficar atento e manter a criatividade. Recursos visuais e auditivos, como por exemplo, os que trazemos para as aulas de artes e movimento, propiciam grandes oportunidades de interação, principalmente quando envolve música.

O professor, nesta abordagem utiliza-se da observação para tentar compreender o seu aluno e o que dizem seus movimentos, mesmo que não apresente nenhuma verbalização.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Propõe-se a reflexão sobre o Autismo nas escolas através de uma metodologia alicerçada na pesquisa exploratória com uma abordagem qualitativa.

3.1 TIPO DE PESQUISA E COLETA DOS DADOS

A pesquisa fundamenta-se a partir de um estudo bibliográfico com a leitura de livros, artigos e publicações atuais sobre o Autismo e a inclusão no meio escolar.

As teorias de autores que falam sobre o Autismo permitem conhecer um pouco sobre este transtorno, identificar alguns sintomas típicos bem como entender as formas para um diagnóstico mais próximo do real.

Num propósito de enriquecer o trabalho e olhar de perto as intervenções pedagógicas no ambiente escolar foram realizadas entrevistas (Apêndice A) com duas professoras que atuam no Atendimento Educacional Especializado na Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos e que trabalham diretamente com alunos com autismo. Na entrevista lhes foram apresentadas as seguintes questões: 1. Como é realizado o acompanhamento pedagógico de alunos com autismo na Unidade Escolar? 2. Os pais recebem orientação e acompanham o trabalho feito na escola? 3. O professor da sala regular de ensino recebe apoio pedagógico específico? 4. Conte-nos um pouco das vivências da Educação Inclusiva na Unidade Escolar – desafios e conquistas.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta abordagem qualitativa, oportunizou-se observar um movimento constante dos professores da Unidade Escolar com a educação inclusiva e também conhecer estratégias pedagógicas diversas que auxiliam a prática educativa e proporcionam avanços significativos no desenvolvimento dos alunos com autismo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender melhor o cenário atual, foram realizadas entrevistas com duas professoras que trabalham no Atendimento Educacional Especializado oferecido pela Rede Municipal de Educação de São José dos Campos/SP.

Contata-se na realidade escolar que somente garantir o acesso à educação não é o suficiente para se ter uma educação inclusiva de qualidade. É preciso olhar para essas crianças e buscar parceiros que auxiliem no processo educativo nas escolas.

“A criança autista muitas vezes apresenta irritabilidade, birras intensas, agressividade e fica difícil um trabalho educativo se não houver a parceira dos pais e a compreensão de que a escola não faz tudo sozinha” – diz uma das professoras entrevistadas.

Na escola em que foi feita a observação direta da prática educativa, é evidente o esforço dos professores em fazer um trabalho educativo coerente e adaptado, como sugere Delion (2017), porém, as crianças são atendidas somente 50 min/por semana, em horário contrário das aulas regulares. Muitos pais não trazem o filho para o atendimento e não dão seguimento ao trabalho educativo proposto pela escola.

As professoras da sala regular ao receberem um aluno com autismo buscam orientações com as professoras do Atendimento Educacional Especializado, mas na maioria das vezes as ações não acontecem como gostariam. Os alunos vão para as salas, sem acompanhantes que os auxiliem na rotina escolar sem falar que há falta de materiais pedagógicos adaptados para os alunos. Estes materiais são confeccionados pelos próprios professores.

“Os materiais adaptados como rotina visual, letras números com velcro, jogos ou algo que seja específico para o aluno aprender o conteúdo estudado, nós construímos juntamente com os alunos”, é o que relata a professora do AEE.

Segue a figura 3, Imagens da Rotina do Aluno, realizada por uma professora que atua no Atendimento Educacional Especializado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinar as ideias que envolvem o autismo com os processos da escola, visto que, todos os alunos enriquecem ao aprender um com os outros, conquistam atitudes e habilidades, é essencial.

Uma educação inclusiva exige dos professores, uma grande virtude: acreditar. Acreditar que, mesmo com alguns obstáculos, todo e qualquer aluno é capaz de aprender.

Descobrir como melhorar o desempenho de um aluno com transtorno espectro autista para uma vida com maior autonomia é respeitá-lo enquanto ser humano que pensa e tem a consciência de suas potencialidades.

O professor, como mediador do conhecimento, necessita de uma formação condizente com a realidade que vivencia em sala de aula, precisa mobilizar saberes para agir com responsabilidade, tomar decisões, estabelecer parcerias e oportunizar avanços.

Atualmente, percebe-se uma crescente demanda de alunos com autismo nas escolas. O direito de acesso e permanência na escola lhes é garantido por lei, mas a inclusão somente será efetivada quando mudanças significativas no funcionamento das escolas, na formação dos professores e nas relações família-escola acontecerem.

Cabe a escola adaptar-se para atender às necessidades dos alunos com autismo e firmar o compromisso de ensinar, oportunizando um atendimento educacional especializado que promova avanços no desenvolvimento do aluno. No entanto, esse trabalho só terá sentido com a participação efetiva dos pais.

O autismo é um transtorno de difícil interpretação, pois configura-se não por um único sintoma, mas por uma tríade de sintomas característicos que envolvem prejuízos na interação social, deficiências na comunicação, interesses e comportamento repetitivo e restrito. Essas características geralmente duram a vida toda, embora possam mudar consideravelmente com intervenções educativas.

As intervenções educativas podem conduzir o aluno a um excelente desenvolvimento de habilidades essenciais, como expressar sentimentos, atitudes, desejos e opiniões. O aluno é incentivado a utilizar formas alternativas de

comunicação mesmo que não seja a fala e de interagir com o grupo nas diversas situações de aprendizagem.

O professor pode adaptar os recursos oferecidos no espaço da sala de aula para buscar um equilíbrio entre as necessidades do aluno e a oferta de vivências. Atividades em dupla ou em grupo, por exemplo, constitui-se uma das estratégias pedagógicas favoráveis, dado que a educação acontece no contato com os outros.

Um olhar diferente sobre a prática educativa nas escolas começa quando o professor direciona seu trabalho a partir dos pontos fortes de seu aluno, concentrar-se no comportamento em si e acima de tudo não se prende a rótulos.

Os alunos com autismo também pensam, como qualquer um, e nem todos enxergam o mundo do mesmo modo. Conhecer seus interesses, suas esperanças, seus talentos, é parte que define a profissão do professor.

No ensino inclusivo, alia-se teoria e prática para ensinar, mas ensina-se mesmo é através do exemplo de que apesar das diferenças, todos têm o direito de aprender.

REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR-14724**. Informação e documentação: formatação de trabalhos acadêmicos. Rio de Janeiro, (jan/2006).

_____. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR-6023**. Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002 a. (Ago/2002).

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BELISÁRIO Filho, José Ferreira, CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: Transtornos Globais do Desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação -Secretaria de Educação Especial, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica**/Secretaria da Educação Especial – MEC/SEESP, 2001.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Título I: Da Educação.

_____. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRUNI, Ana Rita, GADIA, Carlos M. D., et al. Cartilha: Autismo e educação. São Paulo: **Autismo & Realidade** – Associação de Estudos e Apoio, dez. 2013. Disponível em:<www.autismoerealidade.org>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CAMPOS, Larriane Karen de; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo. **CoDAS**, v.28 n.3 São Paulo mai/jun 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-7822016000300234 & lng=pt&lng=pt>. Acesso em: 10 jan. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E ENSINO EM SAÚDE INFANTIL. **Diagnóstico do Autismo**. Disponível em: <<http://autismo.institutopensi.org.br/informe-se/sobre-o-autismo/diagnosticos-do-autismo>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

INTERVENÇÃO: MÉTODO TEACCH. **Universo Autista**. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/works/item.php?id=8>>. Acesso em: 26 mar.2018.

GOMES, Camila Graciella Santos. **Ensino de leitura para pessoas com autismo**. Curitiba: Appris, 2015.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. **O cérebro autista**. Tradução Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2015.

KUPFERI, Maria Cristina Machado, VOLTOLINI, Rinaldo. Tratar e educar o autismo: cenário político atual – entrevista com Pierre Delion. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.43 n.3 jul/set 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022017000300915>. Acesso em: 17 mar.2018.

LAMPREIA, Carolina. **Uma perspectiva desenvolvimentista sócio-pragmática para o entendimento do autismo e suas implicações para a intervenção precoce**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

LEAR, Kathy. Ajude-nos a aprender (Help us learn). **Um Programa de Treinamento em ABA** (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido. Toronto, Ontario – Canadá, 2. Ed., 2004.

LIMA, Stéfanie Melo; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Escolarização de Alunos com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.22 n.2, abr/jun 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000200269&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 10 jan. 2018.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 4. ed. Brasília: CORDE, 2004. Disponível em: <<http://www.psiquiatriainfantil.com.br/livros/pdf/AutismoGuiaPratico.pdf>>. Acesso em: 26 mar.2018.

MENDES, Enicéia et al. **Temas em Educação Especial, avanços recentes**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

MORAIS, Telma Liliana de Campos. **Modelo TEACCH – intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo**. Escola Superior de Educação Almeida Garrett: Lisboa. 2012. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2673/_D.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2018.

OLIVEIRA, Carolina. Um retrato do autismo no Brasil. **Revista Espaço Aberto** - 170, SP. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>>. Acesso em: 24 abr, 2018

STAINBACK, Susan e William. **Inclusão – Um guia para educadores**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TENENTE, Luiza. É Muito Bom Ter Uma Amiga Com Autismo Na Nossa Sala. **Autismo & Realidade**. Notícia: 11 abr 2017. Disponível em <http://autismo.institutopensi.org.br/noticias/noticia-e-muito-bom-ter-uma-amiga-com-autismo-na-nossa-sala-diz-aluno-de-escola-publica>, acesso em 24 abr, 2018.

WINDHOLZ, Margarida H.; PICCINATO, Cintia. **Implementando uma classe 'piloto', com metodologia comportamental, em uma escola inclusiva**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ENTREVISTA

O conteúdo desta Entrevista servirá de reflexão para a pesquisa exploratória composta na Monografia intitulada: “O AUTISMO NAS ESCOLAS: UM OLHAR DIFERENTE SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA EDUCATIVA” da aluna de pós-graduação Lilian Regiane Vieira da Fonseca. Sua colaboração será de grande valor para que possamos disseminar conhecimentos tão preciosos adquiridos na prática educativa.

Obrigada!

1. Como é realizado o Atendimento Educacional Especializado de alunos com autismo na Unidade Escolar?
2. Em linhas gerais, descreva o trabalho de parceria com os pais no processo de intervenção escolar de alunos com autismo.
3. O professor da sala regular de ensino recebe apoio pedagógico específico para atuar com alunos com autismo? Caso afirmativo, como é realizado?
4. Conte-nos um pouco das vivências da Educação Inclusiva na Unidade Escolar – desafios e conquistas.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

São José dos Campos, _____ de março de 2018.

“Quanto mais longe uma criança com autismo caminha sem ajuda, mais difícil se torna alcançá-la ”.
(TALK ABOUT AUTISM)
